

# PENNA, AGULHA E COLHER

Directora Zenir Alcôa (Caixa 49)

SEMANARIO DE DONAS E DONZELLAS

Supplemento da Epoca (A IX)



Anno II

Florianopolis, 7 de Junho de 1919

Num. 40

## Não nos falte coragem...

Sim, devemos ser de nosso seculo no que elle tem de bom; devemos preocupar-nos com os graves problemas que o agitam, buscando resolvê-los e tomar parte em tudo quanto nelle se faz de grande e de nobre.

Sendo, porém, de nosso tempo, não abdicaremos o direito que temos de pensar e de agir de accôrdo com os principios eternos da verdade e as exigencias de nossa consciencia esclarecida pela fé.

Donzellas christãs, nós não nos devemos deixar envolver pelo redemoinho infrene dos costumes pagãos que, solapando os alicerces do edificio christão, se vão impondo no nosso meio social.

Houve tempo em que a mulher era escrava: hoje, porém, que o christianismo a soergueu d'esse estado de oppressão, só a escravidão do dever é compativel com a sua dignidade. Não se comprehende, portanto, que em uma epoca em que tanto se fala de liberdade e de emancipação, a mulher sob o impulso da vaidade, se forje cadeias com suas proprias mãos e se faça escrava submissa da tyranna que é a moda. E falando em moda, não me quero sómente referir ás regras que presidem á escolha dos vestuários femininos, de accôrdo com o ultimo figurino parisiense. Porque o poder da moda invade todos os dominios: ha o conferencista da moda, que se deve applaudir mesmo quando nada se entende dos altos problemas sobre que discorre; ha o prégador da moda, que se ouve por *diletantismo* sem cuidar que elle procura vencer a intelligencia para mover a vontade; ha o livro da moda, que se louva com entusiasmo e com ares muito entendidos, sem lhe ter folheado sequer as primeiras paginas; enfim, o restaurante, a confeitaria, o thea-

tro, o passeio, o professor, o collegio da moda. E até... miseria das miserias! a missa da moda, onde se vae accrescentar ao peccado da vaidade o do desrespeito á casa de Deus. Porque, na missa da moda, impera não o espirito religioso, senão o espirito de futilidade: a igreja é transformada em um môstruario de custosas *toilettes!*

Só os ingenuos acreditam que as modas sejam o producto do bom gosto, da esthetica, da harmonia. No seculo materialista que atravessamos, a mola de todo o mecanismo social é o interesse. A moda é tambem o producto de um jogo de interesses.

Que industriaes e commerciantes a bem de seus interesses procurem o mais possivel lisonjear a clientela feminina no que ella tem de mais vulneravel: (ó suprema vergonha!) a vaidade, é comprehensivel e natural até; mas que as mulheres christãs, seguindo a corrente do seculo, se curvem servilmente ante os sordidos interesses dos industriaes e os caprichos de costureiros despídos de escrupulos, sem consultarem nem sua consciencia, nem suas posses, nem sequer as mais comesinhas regras da esthetica, do bom gosto, da distincção e da honestidade, é inacreditavel.

«Ultrapassando todos os limites do gosto e das conveniencias nestes ultimos annos, a questão das modas femininas passou do terreno das frivolidades para o terreno das questões sociaes em ordem do dia. Porque os excessos d'essas custosas fantasias apresentam o triplice inconveniente de serem ruinosos para as fortunas mediocres, isto é, para os nove decimos das familias, de offenderem todas as regras da esthetica e do bom gosto, fazendo da mulher uma caricatura

## Penna, Agulha e Colher

— Publicação semanal —

Assignaturas:

Anno . . . . . 4\$000

Mez . . . . . \$400

Pagamento adiantado

Quem obtiver 10 assignaturas annuaes pagas terá direito a uma gratuita.

A assignatura annual para os assignantes da «Epoca» custa 2\$000.

—o—

cuja multiplicidade e variedade dá ás nossas ruas algo da licença outr'ora tolerada durante as loucuras do carnaval; emfim e sobretudo, a moda tornou-se uma provocação e um attentado aos bons costumes».

Pôr um paradeiro ao luxo desenfreado que por toda a parte se ostenta, seria fazer cessar grande parte dos descabros que deshonram a nossa sociedade. Essa é, porém, a grande difficuldade; e para resolvel-a se deverá volver a attenção dos moralistas e dos psychologos e de quantos têm a seu cargo a direcção de um punhado de almas. O espirito de comparação que envenena as felicidades possiveis, fomentando a ambição e a inveja, é o causador dos grandes males dos nossos tempos.

As moças não consultam suas posses e seu meio social, na escolha de seus trajes. Apesar de não terem fortuna, querem competir com as mais favorecidas; d'ahi o desequilibrio dos orçamentos familiares, seguido geralmente de um cortejo incalculavel de males tão facilmente evitaveis com um pouquinho de verdadeiro espirito christão! Essa falta absoluta de humildade implica uma verdadeira revolta contra a vontade de Deus, sabio ordenador de todas as coisas, de Deus que nos fez pobres ou ricos, humildes ou poderosos. Se cada um quizesse ficar na sua esphera, e aceitar a situação em que a Providencia o collocou e onde lhe fornecerá todos os meios de santificação, se cada um se contentasse com o que tem, sem se preocupar com os outros, como decresceria rapidamente o numero de infelizes ralados pela inveja, a ambição, o espirito de comparação! Se comprehendessem que o fim da vida não é ser nem parecer rico, senão fazer a vontade de Deus, e que é nessa vontade amada e fielmente seguida que está a suprema felicidade!

\*  
\*  
\*

Deante de semelhante estado de coisas nosso dever de christãs é de protestar; não, arvorando-nos em censoras importunas da humanidade, mas condemnando tacitamente o espirito de frivolidade tão em voga entre nós, pelo exemplo de nossa vida toda impregnada de verdadeiro espirito christão.

O espirito christão não exige de nós o sacrificio do bello. Para ser piedosa, pois,

uma moça não precisa e não deve singularisar-se pelo seu modo de trajar exotico, affectado e fóra de proposito. Nada de singularidades...

Traje pois a Filha de Maria com elegancia, mas uma elegancia discreta, graciosa, conforme ás posses de cada uma e ás exigencias de sua posição na sociedade. Nesse capitulo como nos demais só ha uma norma: a que nos é dictada pela consciencia esclarecida pela fé. Obedecendo a ella, não nos falte coragem para protestar contra os principios de futilidade que vão semeando tantas ruinas nos nossos dias. E veremos que o nosso protesto não será esteril!

S. de F.

(Do «Apostolado das F. de Maria»)

## Uma aposta bem feita

COMEDIA EM 2 ACTOS

Adaptação de Edêsia Aducci

PERSONAGENS:

D. Francisca, dona do hotel.

Rosa, sua sobrinha.

Crescencia, cozinheira.

Estudantes: Carmen, Judith, Emma, Leonor, Margarida; tres meninas menores; Florisbella Madresilva.

ACTO II

Uma sala do hotel «A gança dourada»; no meio uma mesa grande com cadeiras ao redor. Um relógio na parede.

SCENA II

As precedentes e tres meninas phantasiadas de ciganas, que entram sem serem vistas (a principio).

1ª menina — Oh! aqui se dança! Hurrah!

2ª menina — Dancemos tambem! Viva!  
(Começam a dançar uma com a outra; D. Francisca assusta-se, vendo-as, e corre para a porta da direita.)

3ª menina — (dirige-se para D. Francisca, e, fazendo uma graciosa inclinação, convida-a para dançar) A Sra. não me dá a honra de dançar commigo? (D. Francisca afasta-se e aponta para a porta da esquerda. As meninas param de dançar e apreciam a scena, rindo.) Então a linda senhora de nariz vermelho não quer dançar com esta formosa cigana? Terá algum pé doente, porventura? (Quer agarrar D. Francisca, porém ella empurra-a) E por que não fala? Está com dor de dentes? (Todas riem).

Carmen — (adeantando-se) Faça o favor de deixar essa senhora em paz! Ella é surda-muda, portanto não pode falar!

3ª menina — Ah! é surda-muda?! Mas então com quem hei de dançar?

## SCENA III

*As precedentes e Crescencia*

*Crescencia* — Mas que será isto?

*Judith* — D. Francisca pediu-nos que dançassemos para divertir estas meninas! (Apon-ta para as ciganinhas).

*Crescencia* — (a D. Francisca, espantada) Será possível, minha patrãoa? A Sra., sempre tão rabugenta, permite tal barulho em sua casa? (D. Francisca diz com a cabeça que não, e dá a entender, por signaes, que Crescencia deve pôr as meninas na rua.) Mas por que não fala? (A's estudantes) Já se viu cousa semelhante?!

*1ª menina* — A pobre senhora não pode ouvir nem falar! E' surda-muda!

*Crescencia* — (a D. Francisca) A Sra. patrãoa atura taes diabretes? Ou estará, porventura, enfeitçada? (D. Francisca diz, por signaes, que não pode falar, etc.) Como?! não pode mesmo falar? (Desesperada) Que horror! Coitada de minha patrãoa! Vou mandar a Rosa depressa chamar o doutor! (D. Francisca quer dizer-lhe que não, porém ella sae sem attendel-a. Entretando as estudantes falam animadamente entre si).

---

 ANCILLA DOMINI
 

---

*Um pretendente «sui generis».*

IV

*No parque*

— Oh! Miguel! será necessario que eu formule a resposta? não vês que eu te amo e admiro? Que me importam as festas, o encanto unico dellas era a tua presença...

Muito tempo andaram os dous em silencio, essa grande eloquencia de emoção profunda.

— Miguel — disse a moça a meia voz — de uma cousa apenas me receio, aceitando-te por esposo.

— De que, meu anjo?

— Temo que, conhecedor como és de meus defeitos e de meu genio arrebatado, continues a me tratar como a criança malcreada. Tudo farei para conquistar a tua estima, receio, porém, incorrer ainda em teu desagrado e ter que soffrer teu olhar severo e as reprehensões que tanto me magoam... e revoltam apesar de merecidas e justas.

Com infinito respeito, curvou-se Miguel para beijar a mãozinha de sua noiva.

— Nada temas, Evelina: a graça do sacramento, ao te fazer esposa, orna-te-á a fronte com um halo luminoso que infundirá respeito. Não mais serás a criança travessa de outrora, mas minha bem amada companheira, rainha e senhora de meu coração a quem votarei o mais puro e respeitoso amor.

Havemos de nos avisar mutuamente com caridosos conselhos e advertencias, procuraremos ambos progredir em virtudes, seremos

antes de tudo, Evelina, christãos fervorosos, para que nosso amor se não altere com o tempo e que possa atravessar os umbraes da eternidade, onde ainda nos amaremos em N. Sr.

O' Miguel, como me sinto indigna de ti...

— Não digas isso... se não queres que eu te ralhe, volveu o noivo a rir.

Quando voltaram para perto dos demais convivas, foram os dous recebidos por um gracejo de Lucas:

— Então, novo armistício? voltaram ás boas? Estes dous estão sempre brigando e discutindo!

Ao que Miguel respondeu.

— Não é mero armistício, mas sim paz definitiva, que se transformará em alliança para a vida e morte, se nossos paes consentirem.

No dia seguinte fez dr. Miguel Fernandes o pedido official aos paes de Evelina, e tres ou quatro mezes depois dous pares se uniam diante do altar:

Heloisa Fernandes com Antonio Gomes e o sisudo dr. Miguel Fernandes com a trefega Evelina.

Heloisa teve razão: o amor foi um grande mestre!

Commentarios não faltaram. Os despeitados diziam:

— Curioso! as moças gostam de sentir o freio... olha que o Miguel dizia cada uma á menina que nem um mestre-escola!

— Aquelle felizardo! 200 contos de dote!

FIM

---

 Diario da Filha de Maria
 

---

(Adaptado por Mary)

E' tão bom ser-se bom!

Quem é bom, tem, por certo, seus momentos de tristezas e suas horas de lagrimas... porém nunca será infeliz!

A bondade é *um balsamo* que cicatriza todas as chagas, *um perfume* que afasta todo o vapor malsão, *uma harmonia* que restabelece a ordem por toda a parte.

A bondade é *essa força divina* que nos impelle: a sermos uteis, — a darmos-nos a todos para lhes fazer o bem, — a pormos-nos á disposição de todos, — a sermos agradaveis, — a fazermos, enfim, pelo proximo, um pouco de tudo o que o bom Deus faz por nós.

A bondade é como que o *excesso* do que há de bom no nosso coração e no nosso espirito, excesso esse que passamos para o coração e para o espirito dos outros.

A bondade pode-se dar tambem o nome de caridade, misericordia, perdão, benevolencia, dedicacão, ternura e piedade.

Ella é comprehendida por todo o mundo, e amada, acolhida e desejada por todos.

A bondade pode associar-se a todas as qualidades do coração e do espirito, e lhes dá

uma suavidade e um atractivo que sem ella não teriam.

\*

A bondade é, praticamente:

O acolhimento affectuoso,

A sympathia,

O louvor delicado.

E' pouco, bem pouco, portanto, mas... que poder e que fecundidade!

Um acolhimento simples e franco feito a uma visita tímida;— *um sorriso* que faça entender que se é bemvindo e que se não está a estorvar algum plano;— *um aperto de mão* que ponha a visita á vontade... Oh! como esses pequenos nada abrem o coração, dissipam os preconceitos, aplacam profundos rancores e permitem conselhos que teriam irritado!

Uma palavra de *sympathia* custa pouco a dizer, mas... como essa palavra anima!— A bondade é penetrante; ella traspassa os erros, as quedas, as durezas— como a gotta de azeite que penetra as fendas mais imperceptíveis— e vae achar o que há ainda de bom nessa alma desanimada, triste, amargurada... e, não vendo sinão isso, admira-a, e esse pobre coração, que se julgava desacreditado e perdido, levanta-se disposto a tornar-se bom como aquelle que tão bom foi comsigo!

E o louvor delicado!

Há poucos homenns, dizem, que podem passar sem o louvor, e talvez seja verdade; não esse louvor que lisonjeia por lisonjear, pois esse faz mal,— mas aquelle que aprecia em poucas palavras, que mostra o bem que se faz, que anima e excita a novos esforços, que é dado, enfim, não com um ar protector, mas com uma affectuosa amizade.— Quantas obras uteis não são devidas a uma palavra animadora!

\*

Não é verdade que raramente pedimos a Deus a graça de *sermos bons*?

Talvez sejamos caritativos, dedicados e indulgentes, mas, si taes virtudes não forem *impregnadas e saturadas de bondade*, pouco bem faremos, e com muito custo.

\*

Mães de familia, F. de Maria! pedi ao Sdo. Coração de Jesus, principalmente neste mez que Lhe é consagrado, que vos torne *boas* como Elle, que veio ao mundo para o bem da humanidade!...

## RESPONDENDO

A' bondosa Zenir

Recebi teu ramilhete de saudades, e, destas, quero apartar e guardar no peito aquella rósea e gentil que me exprime o teu carinhoso affecto— o pensamento de vir visitar-me.

Sim, boa Zenir, tivesses seguido logo aquelle piedoso pensamento teu, e já de há muito saberias o motivo da falta de meu

nome na «P., A. e C.» Realmente acho-me doente, e bem, há já tres mezes, e, da maneira por que soffro, não me é possível comparecer ao lado das companheiras nas lides da «Penna».

Desculpa-me, portanto.

Não sei dizer-te quando volverei.

Pede a Deus me conceda saude, e vem visitar

a tua

Heloisa.

Palhoça, 1º de Junho de 1919.

—o—

## CORRESPONDENCIA

Nize.— Podes procurar teu premio na residencia do sr. João Medeiros.

E agora, não durmas á sombra dos louros...

—o—

## DOMINIOS DA ESPHINGE

7º. TORNEIO CHARADISTICO

(Abril, Maio e Junho)

Tres premios ás vencedoras

34—38) NOVISSIMAS

A' querida amiga Stella Marina

Fia o panno esta operaria — 2,1

Encontrei um instrumento na rua, quando ia para a cidade — 1,2

Tive pena da contracção que soffreram aquelles guardas — 2,2

I. A.

—o—

Alegra-te; a planta cura o rapaz — 1,2

Pega com sentimento este movel. — 3,1

Stella Marina.

## Pensamentos

A chave que abre nossos corações a todos os sentimentos elevados é a pratica das boas accões.

—o—

A nobreza da alma é superior áquella que nos vem de titulos e brazões. Ella constitue a mais poderosa riqueza, o verdadeiro valimento.

Maria Carolina C. de Souza.

PARA FAZER DA «PENNA, AGULHA E COLHER» UM JORNAL ILLUSTRADO.

A. da C. e S.

1\$000

Quantia já publicada

119\$000

Somma até 5-VI: 120\$000



Pede-se dirigir os pagamentos e pedidos de assignaturas á casa editora:

LIVRARIA CYSNE, Florianopolis  
Rua 28 de Setembro N.º 8.